
PARA CONFLUIR É PRECISO PARAR DE REFLUIR: poemando *slam*, confluindo vida

Karine Ribas Pereira
Karla Conceição da Luz
Elisandro Rodrigues

Resumo

O presente artigo trata de uma pesquisa de tese em andamento, cujo objetivo geral é cartografar os processos de subjetivação, em suas dimensões ética-estética-política-poética, a partir da inserção dos coletivos de *poesia slam* dentro de escolas da rede municipal de Porto Alegre. Tal cartografia, que se encontra em andamento, tem revelado pistas do quanto a *poesia slam* (re)instaura movimentos de pertencimento e construção de coletivos, convocando o interesse dos jovens através de suas temáticas que produzem encontros entre os participantes, muitas vezes, entrelaçando histórias de vidas e construção de identidades; e desencontros, abrindo fissuras em processos de subjetivação colonizadores, provocando questionamentos a discursos hegemônicos que invisibilizam e apagam modos de ser e estar na vida e no mundo. Assim, tenciona-se, neste artigo, dar visibilidade à *poesia slam* e seus efeitos de produção de confluências e refluências: confluências de corpos-vozes que tornam possível a construção de espaços coletivos de criação, revolução e afirmação de vida; refluências de discursos hegemônicos e totalizantes, apontando vias de fuga. Tal objetivo foi provocado pelas vivências e participação de uma das autoras em diferentes movimentos do *slam* (batalhas poéticas, competições, final gaúcha, oficinas em escolas), onde escutou inúmeras narrativas em que os poetas afirmavam que o *slam* mudou sua vida, que a poesia foi cura, que o contato com o movimento formou rede a partir de um processo de identificação por meio de vivências e histórias que, ao serem performadas como poesia, tornaram-se possibilidade.

Palavras-chave: *poesia slam*; fissuras; escola; afirmação de vida; micropolítica.

TO CONFLUDE YOU NEED TO STOP REFLUSTING: poeming *slam*, confluencing life

Abstract

This article is an ongoing thesis research, whose general objective is to map the processes of subjectivation, in their ethical-aesthetic-political-poetic dimensions, based on the insertion of *slam poetry* collectives within schools in the municipal network of Porto Alegre. This cartography, which is in progress, has revealed clues as to how *slam poetry* (re)establishes movements of belonging and construction of collectives, calling on the interest of young people through its themes that produce encounters between participants, often intertwining life stories and the construction of identities; and mismatches, opening fissures in colonizing processes of subjectivation, provoking questions about hegemonic discourses that erase and make invisible ways of being and existing in life and in the world. Thus, this article aims to give visibility to *slam poetry* and its effects in producing confluences and refluxes: confluences of body-voices that make possible the construction of collective spaces for creation, revolution, and affirmation of life; refluxes of hegemonic and totalizing discourses, pointing to ways of escape. This objective was inspired by the experiences and participation of one of the authors in various *slam* movements (poetry battles, competitions, the Gaucho final, workshops in schools), where she heard countless narratives in which poets affirmed that *slam* changed

their lives, that poetry was healing, and that contact with the movement formed a network through a process of identification via lived experiences and stories which, when performed as poetry, became possibility.

Keywords: *slam poetry*; cracks; school; affirmation of life; micropolitics.

PARA CONFLUIR DEBES DEJAR DE REFLUIR: poemando *slam*, confluendo vida

Resumen

Este artículo es una investigación de tesis en curso, cuyo objetivo general es mapear los procesos de subjetivación, en sus dimensiones ético-estética-política-poética, a partir de la inserción de colectivos de *poesía slam* en las escuelas de la red municipal de Porto Alegre. Esta cartografía, que está en proceso, ha revelado pistas sobre cómo la *poesía slam* (re)establece movimientos de pertenencia y construcción de colectivos, atrayendo el interés de los jóvenes a través de sus temas que producen encuentros entre los participantes, muchas veces entrelazando historias de vida y construcción de identidades; y desacuerdos, abriendo fisuras en procesos colonizadores de subjetivación, provocando cuestionamientos sobre discursos hegemónicos que invisibilizan y borran modos de ser en la vida y en el mundo. Así, se pretende, en este artículo, dar visibilidad a la *poesía slam* y a sus efectos de producción de confluencias y refluencias: confluencias de cuerpos-vozes que hacen posible la construcción de espacios colectivos de creación, revolución y afirmación de la vida; refluencias de discursos hegemónicos y totalizantes, señalando vías de escape. Tal objetivo fue provocado por las vivencias y la participación de una de las autoras en diferentes movimientos del *slam* (batallas poéticas, competencias, final gaucha, talleres en escuelas), donde escuchó innumerables narrativas en las que los poetas afirmaban que el *slam* cambió sus vidas, que la poesía fue una forma de sanación, que el contacto con el movimiento generó una red a partir de un proceso de identificación mediante vivencias e historias que, al ser performadas como poesía, se convirtieron en posibilidad.

Palabras clave: *poesía slam*; fisuras; escuela; afirmación de la vida; micropolítica.

DO CONTEXTO QUE REFLUI ...

Vivemos um período histórico no qual as lutas políticas vão para além da luta pela igualdade na distribuição de bens e recursos. Elas dizem respeito aos movimentos de grupos que reivindicam seus direitos à vida, o respeito às suas existências, com suas culturas e sistemas de pensamento. Por sorte, cada vez mais temos acesso a escritas, pesquisas e estudos de autores e autoras que representam grupos que, por muito tempo, foram silenciados, tiveram suas culturas e movimentos intelectuais apagados ou apropriados indevidamente, como Ailton Krenak, bell hooks, Achille Mbembe, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Nêgo Bispo. Esses grupos resistentes nos apontam para outras possibilidades de ser/estar no mundo, apresentam outras formas possíveis de compreender e relacionar-se (Krenak, 2019).

Antônio Bispo dos Santos (2023), assim como Grada Kilomba e bell hooks, demonstram a importância da fala contracolonial, em que a linguagem apresenta-se como meio de subversão ao colonizador, como ato de resistência a uma cultura que visa apagar diferenças e criar sub-humanidades. Nesse sentido, Nêgo Bispo traz fortemente em sua escrita o conceito de confluência, o qual escolhemos para intitular tal artigo, também marcando nosso posicionamento de subversão

à tentativa de estabelecimento de uma cultura hegemônica, eurocêntrica, homofóbica, racista e que, infelizmente, tem crescido a nível mundial. Segundo Santos (2023, p. 15),

Não tenho dúvida que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece.

Na contramão a esses movimentos que confluem pela vida, compreendendo que as diferenças fortalecem e tornam mais possível o percurso, acompanhamos movimentos mundiais de ascensão dos grupos de extrema direita. Após termos vivido seis anos em um período de (des)governo de retirada de direitos, ainda sofremos o impacto desse momento histórico. Esses movimentos de extrema direita utilizam-se de ferramentas e dispositivos para atingir seu objetivo, que é o avanço dos projetos neoliberais (Peroni, 2021). A educação, campo em disputa pelo grande impacto e potencial de alcance quando se refere a implementação de projetos societários, sofre duramente as ações dessa ascensão.

Assim, o neoliberalismo vem logrando êxito ao privatizar os serviços essenciais, dentre eles, a educação. Essa privatização, como bem elucidada Peroni (idem), não se refere apenas à mudança de propriedade, como no caso das escolas que podem continuar sendo públicas, mas também a uma reorganização da gestão, conteúdos, rotinas e estratégias de planejamento, que passam a funcionar a serviço e na direção do mercado. Assim, retiram-se disciplinas e espaços para a construção de coletivos e de pensamento crítico, reforçando ainda mais discursos hegemônicos e não oportunizando tempo para pensar, debater e viver a vida.

Desde muito pequenas, as crianças já são colocadas nas escolas com o ensejo de terem as melhores notas de aprovação em cursos ou concursos; não foram poucas as vezes em que nos deparamos com famílias relatando, desde a educação infantil, que escolheram a escola que tem os maiores índices de aprovação no vestibular. Nessa lógica, perde-se o tempo de ser e viver as infâncias, substituindo experiências e a formação estética — fundamentais para uma educação voltada ao sensível e à criticidade, em que se abrem possibilidades de ampliação de pensamentos e questionamentos — por uma educação mercantilizada, que visa à propagação de ideologias neoliberais, como a meritocracia, que impulsiona o individualismo e a competitividade, o empreendedorismo, a privatização, a eficiência, a produtividade e o tecnicismo.

O que o sistema econômico capitalista pretende é transformar a educação em mera preparação para o mercado de trabalho (Goergen, 2020), colocando-a a serviço da manutenção e ampliação desse sistema. E, para isso, é preciso despolitizar a educação e quebrar os movimentos de resistência. Não é mero acaso o crescimento de movimentos como o Escola Sem Partido que se configuram como “[...] mecanismos de controle dos conteúdos escolares e interdição dos discursos e práticas dos professores, na tentativa de impedir que transitem pela escola determinadas visões de mundo” (Peroni, 2021, p. 13). O sistema capitalista neoliberal vem exigindo mecanismos de poder capazes de, além de docilizar os corpos, majorar forças e aptidões. Recentemente, em nosso município, Porto Alegre, foi aprovada, pela câmara de vereadores, a lei 14.177, conhecida como lei Escola sem Partido, que

Estabelece orientações quanto ao comportamento de funcionários, responsáveis e corpo docente de estabelecimentos de ensino público municipal, no ensino relacionado a questões sociopolíticas, preconizando a abstenção da emissão de opiniões de cunho pessoal que possam induzir ou angariar simpatia a determinada corrente político-partidária-ideológica. (Porto Alegre (RS), 2025).

Tal lei foi suspensa por força de liminar devido à inconstitucionalidade, mas revela movimentos que se articulam na tentativa de impor censuras e limitar debates e problematizações. Acreditamos que, se leis como essa entrarem em vigor, serão acentuadas as perseguições a professores e funcionários que venham a discutir, em suas aulas, temas progressistas e com pautas sociais. Dessa forma, cria-se uma força de lei capaz de silenciar vozes e coibir pautas políticas que são fundamentais quando se trata de educação. Importante aqui destacar que, quando se fala em pautas políticas, ressaltamos a formação política necessária para o exercício da cidadania e da construção coletiva em relação a direitos e deveres, representatividades, lideranças, projetos como saúde, educação, território; e não estamos nos referindo a discussões partidárias.

A escola, no sentido em que a lógica neoliberal vem tentando formatar, pode servir a esses objetivos quando reforça discursos hegemônicos, através de seus conteúdos, metodologias e práticas que colocam saberes, culturas, modos de ser, aprender e parecer às margens, excluindo e segregando. Podemos ilustrar esses jogos de poder atuando a partir da seleção de conteúdos que compõem o currículo escolar; dos processos de inclusão; da localização das escolas públicas e sua própria infraestrutura; do crescente tensionamento para a militarização das escolas; do crescente encaminhamento e busca por diagnósticos na área escolar; dos processos judiciais que delimitam e tentam orientar práticas pedagógicas; da organização e gestão do tempo e da grade curricular que retiram espaços de pensamento e formação de coletivos; das inúmeras inovações que vêm adentrando nas escolas e que são gestadas e pensadas não por educadores, e sim por grupos empresariais ligados ao empreendedorismo com seus discursos meritocráticos; entre outros que poderiam aqui ser citados.

Ou a educação pode, pensando com Gallo (2002), servir de espaço de resistência, de exercício de micropolítica, abrindo fissuras nesse denso tecido social para que possam surgir outras possibilidades, espaços de pensamento, de diferenciação, de afirmação e cuidado com a vida, o que não é tarefa fácil. A escola, assim, poderia “prestar-se” a criar novidades e não a oferecer mais do mesmo (Krenak, 2019). Nessa perspectiva, a escola poderia servir como espaço de encontros, de confluências entre histórias de vida que se tornam mais fortes e mais potentes a partir desses encontros, podendo seguir caminhos comuns quando se pensa nas necessidades atuais enquanto sociedade, enquanto planeta (Santos, 2023), para que, tal como nos mostra a força das águas, apesar das adversidades, cheguem em seus destinos, cumpram seus objetivos que, aqui, se propõe como a criação de novas formas de ser/estar mundo.

Acreditamos que a educação carrega em si a potência de transformação e que, como educadores comprometidos com a mudança social, mais do que encontrar brechas nesse denso tecido que se impõe, é preciso forjá-las a partir de um fazer pedagógico comprometido com a dimensão ética-estética-política-poética e o esperar. Esperar, no sentido freiriano (Freire, 1992), como verbo que convoca à ação e ao movimento, sem a ilusão de que apenas a esperança é suficiente para a transformação da realidade que se impõe, mas tendo a consciência de que, sem a esperança e a ação que dela se desdobra, tão pouco se consegue agir.

Como possibilidade a esse esperar, propõe-se a *poesia slam* como um movimento capaz de forjar essas brechas, trazendo respiros poéticos de vida, criando espaços que promovam troca de afetos, escuta, acolhimento, cuidado e atenção com a vida através da arte, produção criativa; espaços que operem deslocamentos subjetivos, levando-nos a novos agenciamentos coletivos de enunciação e convidando ao exercício de “[...] uma educação menor, aquela que [...] nos permite sermos revolucionários, [...] um empreendimento de militância” (Gallo, 2002, p. 169). Ao objetivar criar tais espaços na *escola*, pretende-se pensar *educação, saúde e arte* dentro de uma perspectiva ético-estético-política-poética que problematize processos de montagem de mundo. Deseja-se, portanto, compactuar com tantas outras pesquisas que se contrapõem à patologização da vida, tendo como campo de análise a escola, e propor, como possibilidade de despatologização, como brecha, fissura, a poesia.

Para tal, é preciso pensarmos sobre todas essas tramas que compõem o tecido social que agencia a escola, unidas por tantas forças que fazem parte de sistemas dominantes e que assim querem permanecer. Faz-se necessário buscarmos possibilidades de brechas, de forjar fissuras nesse tecido, para ali poder recompor com novas costuras entrelaçadas pelo fio do bem viver. Implica (re)pensar nossa capacidade de sustentar uma visão poética sobre a existência como alternativa para as resistências (Krenak, 2019), mobilizando devires, abrindo espaço/fissuras para a construção de novos caminhos possíveis. Essa visão poética, que nos convoca Krenak a pensar, está atrelada a uma capacidade estética de sentir, de ressignificar, de ver para além daquilo que se revela num primeiro olhar. Convoca, portanto, um olhar questionador e investigador, que afeta e é afetado. Assim, ao deparar-se com essa dimensão, ao ir além daquilo que faz parte da trama social a que estamos inseridos, é necessário abrir brechas que nos permitam esse vislumbre, e o que veremos ali é poético e nos arrebatava, transforma. Uma vez visto, não é possível des-ver.

... À POESIA QUE CONFLUI: *POEMANDO SLAM*

O objetivo deste artigo é dar visibilidade à *poesia slam* e seus efeitos de produção de confluências e refluências: confluências de corpos-vozes que tornam possível a construção de espaços coletivos de criação, revolução e afirmação de vida; refluências de discursos hegemônicos e totalizantes, apontando vias de fuga. Tal objetivo foi provocado pelas vivências e participação de uma das autoras em diferentes movimentos do *slam* (batalhas poéticas, competições, final gaúcha, oficinas em escolas), onde escutou inúmeras narrativas em que os poetas afirmavam que o *slam* mudou sua vida, que a poesia foi cura, que o contato com o movimento formou rede a partir de um processo de identificação por meio de vivências e histórias que, ao serem performadas como poesia, tornaram-se possibilidade.

É fundamental destacar que muitas das narrativas referidas acima trazem seu engajamento no movimento a partir da identificação com as temáticas das poesias, que são marcadas, em nossa região, por denúncias e lutas dos grupos das “chamadas minorias”, trazendo em seu repertório saberes populares e insurgentes (Barbosa, 2020). Tais narrativas são pistas para as transformações frente aos movimentos presentes na sociedade atualmente, pois ao se mostrar ao público presente, demonstra a essência sensível que o *slam* tem, que é a convocação de pares, para pensar estratégias de resistências que dialoguem com a noção de senso de coletividade. A partir disso, buscou-se investigar os possíveis efeitos das intervenções poéticas para a construção de espaços de diferença e respeito às diversas formas de existência, considerando suas contribuições para a formação ética-

estética-política-poética de professores e professoras, e seus educandos e educandas, através do diálogo entre educação, saúde e arte.

Nesse sentido, como reflexo dessas nuances, apontamos o movimento poético de *slam*, frequentado majoritariamente por jovens de periferia (Barbosa, 2020). Esse movimento poético é praticado através de coletivos autogeridos e auto-organizados, transformando espaços públicos em rodas de poesia. Alguns desses coletivos desenvolvem projetos de intervenção poética junto às escolas, ensejando levar “respiros de vida” para outros jovens, uma vez que relatam não ter tido esses espaços em suas vivências escolares. Assim, o *slam* tem representado o espaço onde esses jovens produzem conhecimentos, rememoram e (re)significam histórias, constituem subjetividades, constroem coletividade. Espaços necessários nas escolas. Para compreender melhor sobre alguns processos do *slam*, é fundamental discorrer sobre suas origens e seus percursos. Nesse sentido, recorreremos a alguns materiais de domínio público, como notícias, documentários e pesquisas; bem como a relatos informais de integrantes de alguns coletivos com os quais tivemos a oportunidade de dialogar.

O nome do movimento poético *slam* é originado a partir de uma onomatopeia que remete ao som de uma batida, algo semelhante ao “pá”, na língua portuguesa. A proposta, com o cunho de tal denominação, foi representar uma das principais características do movimento, o impacto que visa causar no público que assiste através do ritmo. O movimento teve sua origem em Chicago, nos Estados Unidos, em 1986, com Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta; porém, só chegou ao Brasil em 2008, com a poetisa Roberta Estrela D’Alva.

A ideia da *poesia slam* era ser um movimento democrático que “abrisse as portas” para todos aqueles que quisessem participar, oportunizando, a partir de suas regras, que qualquer pessoa no público pudesse julgar as poesias ou então declamar. Iniciada como um movimento de poesia menor¹, a *poesia slam* foi difundindo-se e espalhando-se pelo mundo, associando-se à cultura *hip-hop*. Assim, em sua origem, o *slam* carrega marcas de resistência ao surgir como contracultura à poesia erudita, criando espaços populares de circulação da palavra onde todos podem participar e são capazes de falar e avaliar.

Segundo reportagem divulgada em março de 2024 no portal do governo do Estado do Rio Grande do Sul, o Rio Grande do Sul é o terceiro Estado com maior número de *slams* no país, tendo mais de 30 coletivos que praticam essa modalidade. Na mesma notícia também é destacada uma das marcas do *slam* em nossa região: a presença de temas recorrentes que se relacionam às principais lutas de movimentos sociais, como racismo, homofobia, feminismo, desigualdade social, entre outros, conforme também Barbosa (2020) pontua em sua pesquisa. Alguns coletivos gaúchos inspiraram-se na iniciativa *Slam Interescolar*, iniciada em São Paulo, e tem realizado trabalhos com oficinas poéticas dentro de escolas municipais de Porto Alegre.

O *slam* configura-se como espaço poético-político, democrático, educativo e coletivo, em que a palavra torna-se corpo-voz, suscitando movimentos de denúncia e resistência ao opor-se a discursos e práticas sociais que excluem, segregam, depreciam e reforçam hegemonias. Autores como bell hooks e Paulo Freire revelam que, apesar de termos uma cultura de normalização e patologização da vida, alguns grupos, chamados minorias, a experimentam de forma muito mais severa e violenta. Assim, é preciso apostar em possibilidades de fuga que abram novas

¹ Utilizaremos o conceito deleuziano de menor para a *poesia slam* porque, apesar do movimento não originar-se a partir desse conceito, ele surge como movimento poético que produz efeitos de contrapoder e contracultura, convidando ao exercício da micropolítica e, portanto, confluindo com conceito de menor, para Deleuze (1997).

possibilidades de mundos, pois como pensar em saúde onde não se tem voz, não se sente representado, ou que sua cultura e ancestralidade são negadas, reforçando discursos hegemônicos que colocam saberes, culturas, modos de ser, aprender e parecer às margens, excluindo e segregando? É a essas minorias que o *slam* dá voz.

Vislumbrando o *slam* como uma possibilidade de cavar brechas e abrir fissuras para novos caminhos possíveis, os coletivos de *slam* encontram-se nas ruas, ocupando espaços públicos e transformando-os em territórios de lutas, denúncias e resistência. Aos poucos, o movimento vem ganhando espaço em algumas escolas públicas, através da iniciativa de coletivos de poetas que promovem oficinas e levam sua arte para o espaço escolar, tornando visível a potência do movimento e a produção de vida que se faz (Gusmão, 2023). São indícios da importância desse movimento para tantas existências que insistem em esperar novos caminhos possíveis em uma sociedade que, por sua vez, insiste em inferiorizá-las, apagá-las e submetê-las a uma lógica capitalística (Rolnik, 2021) que necessita, para se perpetuar, manter seu jogo de forças, escolhendo aqueles que dominam e aqueles que são dominados, aqueles que devem viver e aqueles que devem morrer (Foucault, 2008).

Segundo Evaristo (2019, p. 15), “[...] fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da norma culta da língua”, visão que subverte a lógica e que precisa ser expandida no meio escolar, abrindo brechas, fissuras para questionamentos sobre os discursos impregnados de projetos neoliberais com suas interfaces neofascistas e neoconservadoras, que vêm conduzindo práticas, organizando currículos e ditando áreas do conhecimento e conteúdos que devem ser, ou não, trabalhados nas escolas (Peroni, 2021). Para isso, faz-se urgente “desterritorializar os princípios, as normas da escola maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina, opor resistência, quebrar os mecanismos, [...] criando novas possibilidades” (Gallo, 2002, p. 175), ou seja, colocar em prática a educação menor.

Nesse movimento de desterritorialização, proposto por Gallo e que pode ser observado nas rodas de *slam*, o público integra-se ao momento, legitimando histórias, reagindo e interagindo durante a apresentação dos poetas, tornando-se parte dessas performances (Barbosa, 2020). Dessa forma, não são apenas subjetividades que se enlaçam e se constituem, mas também corpos que, ao se colocarem despedaçados naquele território, reconstituem-se a partir dessa corporeidade coletiva, alteridade que lhe devolve um sentido para existir. Para Skliar (2016), a escrita é um ato propositivo que precisa do outro para completar sua ficção, pois, sem o encontro com o outro, não há alteridade. Ao problematizar acerca da escrita, Skliar aponta como uma das razões do ato de escrever a necessidade de traduzir aquilo que excede à razão e de existir perante e a partir do outro.

Os coletivos de *slam* buscam subverter discursos, criando rupturas e contrapontos, questionando hegemonias e fazendo reivindicações. Dessa forma, forjam nos espaços em que circulam possibilidades de criar e recriar, engendrando forças e ensejando movimentos de resistência a partir da ordem da palavra, agenciando coletivamente enunciações. Justamente por esse potencial, esses coletivos têm se aproximado das escolas públicas, enlaçando um grande número de jovens que se identificam com suas denúncias e reivindicações, ao opor-se a discursos e práticas sociais que excluem, segregam, depreciam e reforçam hegemonias.

CONFLUINDO VIDA

Acreditamos na urgência de propor espaços de liberdade de pensamento; espaços que respeitem as singularidades e potencializem as aprendizagens, espaços de inclusão. É preciso que as contribuições da trama saúde-educação sejam enfeitadas com fios de arte, operando na formação estética e no fortalecimento de redes de presença, cuidado e afirmação de vida para seus estudantes e professores. Apostar mais em “prescrições não medicalizadoras”, assumir lugar de responsabilidade e de questionamento de práticas hegemônicas e mobilizar sua práxis para afetar-se com alegrias, aprendizagens, arte, poesia, é o que a escola contemporânea está precisando.

Rolnik e Guattari (2008) auxiliam na busca por caminhos onde sejam possíveis abertura de novos modos de pensar e existir. Ao propor “*microprocessos revolucionários*”, os autores evidenciam a possibilidade de constituição de processos de percepção e sensibilidade que sejam inteiramente novos e que provoquem devires de recusa à subjetivação capitalística. Para tanto, é necessário o deslocamento na luta, a percepção de que essa não deve ser apenas contra uma economia política, mas também de recusa à economia subjetiva produzida pelo capitalismo. Dessa forma, “[...] os afrontamentos sociais não são mais apenas de ordem econômica. Eles se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (Rolnik, Guattari, 2008, p. 53).

Apesar de ser um movimento que sugere ter grande potencial de pesquisa no tecer da trama “arte-saúde-educação” e de ter sido reconhecido como patrimônio cultural do município de Porto Alegre, o *slam* ainda enfrenta, além da falta de incentivo em termos de políticas públicas, pouca visibilidade (Barbosa, 2020). Diante de todas essas questões, acreditamos ser de fundamental importância a continuidade e ampliação de pesquisas que busquem cartografar como esse movimento configura-se como espaço de afirmação de vida e de que modo as intervenções poéticas realizadas dentro das escolas podem contribuir para a reorganização desse espaço numa perspectiva de atualização e responsabilização. Se esses poetas, que em sua maioria são jovens em processo de formação profissional, estão preocupados em atuar no espaço da escola, compreendendo a importância de sua arte na tentativa de transformar essa realidade, porque nós professores, que assumimos um compromisso ético-político-estético não apenas com o conhecimento, mas com a formação e a vida, não estaríamos?

Como resultados parciais, temos o percurso teórico e as vivências da autora em movimentos da *poesia slam* em Porto Alegre, tanto em espaços públicos, como também em uma escola da rede do município onde atua como orientadora educacional e aconteceram algumas intervenções poéticas. Nesse contexto, foram perceptíveis os movimentos de construção de coletivos e processos de subjetivação, como através de falas que rompem com processos subjetivantes colonizadores, tal como os dois relatos a seguir, ambos ocorridos após algumas intervenções poéticas de coletivos de *slam* na escola municipal de Porto Alegre onde uma das autoras atua como orientadora educacional.

Relato 1: trata-se de um atendimento referente à violência racial sofrida por uma estudante de 9º ano do ensino fundamental. Certo dia, uma adolescente procurou-me enquanto orientadora educacional para falar sobre uma situação em que um colega havia lhe dito que seu cabelo era “um bombril, que parecia que ela havia levado um choque”. Ao falar sobre a situação, prontamente a adolescente fez referência a uma poesia que havia sido declamada na escola dias antes pela poeta *slammer* “Agnes Mariá”², que falava sobre racismo e empoderamento feminino, afirmando: “isso que ele (referindo-se ao colega) fez foi racismo, ele não tem o direito de falar de

² Para saber mais sobre a artista, confira em <https://www.instagram.com/agnescomgmudo/channel/>

meu corpo, nem como aparento ou quero usar meu cabelo. Por anos minhas ancestrais prenderam ou alisaram os cabelos, a gente não vai mais aceitar isso, que nem aquela poeta falou, sora”.

Essa referência a uma poesia trazida, juntamente com uma apropriação da violência racial sofrida e de uma postura de enfrentamento a tal situação, evidencia brechas em discursos que, por muito tempo, foram normalizados dentro de um contexto social excludente.

Relato 2: refere-se a um atendimento realizado com um estudante do 9º ano do ensino fundamental, na ocasião com 14 anos. Esse estudante, segundo relatos de sua mãe, vivenciou um episódio de violência racial contra ele em um ônibus do transporte público em Porto Alegre, situação que acarretou diversas consequências familiares, envolvendo instâncias jurídicas, policiais e médicas, devido ao adoecimento mental da mãe, que inclusive teve que se afastar de suas atividades laborais. Em meio a esse contexto, o estudante passou a demonstrar, na escola, grandes dificuldades relacionais e episódios de descontrole emocional, mostrando-se agressivo com colegas e professores. Importante destacar que esse estudante estava na escola desde a educação infantil e, portanto, seu histórico evidenciava uma mudança comportamental.

Certo dia, esse estudante foi encaminhado para atendimento no serviço de orientação educacional por um professor devido a uma atitude desrespeitosa de sua parte para com os colegas e professor. Ao chegar na sala de orientação educacional, mostrava-se reativo, não queria conversar. Iniciei então, pedindo licença para ler a ele um poema que havia sido escrito por um estudante com idade próxima a dele e que, eu acreditava, me parecia compartilhar algumas experiências com ele. Ele assentiu. Li o poema. Durante a leitura, seus olhos, que antes fixavam um ponto qualquer e distante, voltaram-se para mim, indicando o início de uma abertura ao diálogo; ele estava me (re)conhecendo. Eu não era a professora do SOE que lhe daria bronca, advertências; eu estava ali, humana, tocada pelo sensível da poesia, transformada pelos coletivos do movimento poético do *slam*, ao ouvir tantas histórias de jovens que partilhavam dores como as que ele havia vivenciado e que me impulsionaram a estudar, pesquisar e, nesse caminho, permitir meu devir-professora.

A barreira inicial parecia ter sido transposta, convidei-o, então, a abaixar seu escudo e a armar-se comigo de poesia, a entrar numa luta que não era individual, e sim coletiva. Ele aceitou o convite, passou a frequentar minha sala para dividir experiências, para refletir possibilidades de lidar com suas emoções e sentimentos, para criar estratégias de (r)existência. Foi escolhido líder por sua turma, atuou com empenho para mudanças em sua turma, conversava com seus colegas sobre racismo e privilégios. A dor ganhou formas, foi posta em palavras, pode transbordar e se resignificar. Em algumas situações difíceis na escola, em que eu precisava intervir em algum conflito emergente entre adolescentes, ele era o primeiro a ir em meu apoio e dizer: “gente, parem, escutem a professora”. Ter esse apoio e essa parceria de um estudante que, pela grande maioria dos professores passou a ser narrado como um aluno “difícil, agressivo e que não respeitava ninguém”, aponta para a potência transformadora do movimento ético-estético-político-poético do *slam*.

Dessa forma, reiteramos que a poesia possibilita novas construções de sentidos, permite o esperar e, arriscaríamos dizer, pensando com Rolnik (2021), novos sistemas de pensamento. Em muitas poesias e narrativas escutadas, aparecem relatos que visibilizam a transformação de vida através da poesia, como no trecho de Ryanne Leão em seu poema:

[...]

poesia também é troca
poesia é a primeira e a última chance
se é aquilo que eles
mais temem
então pode ter certeza
que é a ferramenta de reconstrução mais poderosa
que existe”
(Leão, 2019, p. 187).

Nesse espaço poético, educativo, ético, estético, político, forças compõem um coletivo, percebendo a forma rizomática como os afetos mobilizam-se, unem-se, espalham-se, compõem-se. Dessa forma, colocamos o questionamento: o que pode uma escola que se proponha à vida? Por que, em nosso cotidiano docente, a preocupação maior é com os conteúdos e o currículo? Evidentemente, esses fazem parte da escola, mas como se pensa e se propõe o currículo e os conteúdos? E, talvez seja essa a questão maior a se pensar: para quê e para quem se organiza esse(s) currículo(s) e esses conteúdos que temos hoje, ou seja, quais são os projetos políticos que os sustentam? Quem os define?

Currículos que cada vez mais retiram espaços de pensamento e reflexão, direcionam grande parte da grade horária para a instrumentalização técnica visando a manutenção do mercado de trabalho da classe operária, burocratizam o nosso trabalho docente, inibem movimentos criativos e coletivos, excluem as diferenças ao tentar invisibilizá-las. Portocarrero (2011), ao falar sobre a normalização, ressalta que essa se tornou um grande instrumento de poder no final da época clássica e que, justamente por ter como objetivo estabelecer aquilo ou aquele/aquela dentro do “normal”, homogeneizando “[...] as multiplicidades, ao mesmo tempo em que individualiza, porque permite as distâncias entre os indivíduos, determina níveis, fixa especialidades e torna úteis as diferenças” (Portocarrero, 2011, p. 75).

É preciso, urgentemente, ressignificar esse lugar da escola, é preciso que as grandes escolas, aquelas que sejam as mais valorizadas, sejam justamente as que busquem subverter esse movimento e, com isso, (re)criem espaços para a expressão, o pensamento e a vida!

Perguntamo-nos: seria possível tal ressignificação? Quais movimentos, quais campos de força estão atuando para a manutenção desse lugar da escola e que teríamos que enfrentar? Como romper com uma “verdade” de que a escola boa é a que disciplina, ensina conteúdos e mais conteúdos e faz listas imensas de aprovados no vestibular? Como tornar visível que esses saberes que acontecem dessa forma “segregam, excluem, adoecem”? Como trazer respiros de vida para a escola, como pensar a inclusão em seu sentido amplo, se estamos operando com forças que justamente objetivam o contrário?

Dessa forma, o desafio que ainda se propõe é lançar-se nesse movimento de investigação que não é e nem pode ser linear, procurando encontrar possibilidades de “fuga” para as quais, é preciso parar, escrever, ir, voltar, pensar, escrever, ir, perceber o vazio, a falta... num movimento complexo, que foge e rompe com uma lógica linear e, justamente por isso, nos permite e nos convoca à criação. E é exatamente a criação que nos permite encontrar e suportar o vazio, provocando o pensamento e a reflexão para novas (ou outras) possibilidades.

Por isso, o estar em movimento de novas possibilidades é a fuga de espaços apagadores de vida. O *slam* é além daquilo que possamos mensurar, é uma maneira de acessar o mundo, e talvez

recriar, com isso trazendo outras formas de pensamentos sobre o mundo que está posto. Neste sentido, o *slam* contribui não apenas na construção do pensamento crítico dos educandos e educandas, mas também possibilita uma forma de utilizar a escrita, a poesia e a estética para fazer brechas em nossas formas de ser e estar em sociedade e no mundo.

É no estatuto da criação que seguirá a pesquisa e a aposta docente, pois é onde encontramos ecos que se enraízam com aquilo que toca e sensibiliza. É aí que se encontram o sensível e os afetos necessários para continuar. Para tal, faz-se necessário estar em um movimento constante de ruptura para poder trazer respiros de vida para a escola, em busca de possibilidades de fuga e ressignificação.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcade de; SANTOS (Chapéu); SILVA, Uilian da. *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas*. São Paulo: Slam Interescolar SP, 2021.
- BARBOSA, Liége Freitas. *Entre peleia e chamego: um estudo de práticas, performances e ambivalências em batalhas de poesia no RS*. 2020. 234 f. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Educação e novas constelações de vida: criar zonas de colapso no céu das verdades unificadas*. In: HENNING, Paula; SILVA, Gisele (org.). *Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos*. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2021. p. 17-35.
- COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSES, Maria Aparecida Affonso. Novos modos de vigiar, novos métodos de punir: a patologização da vida. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, Universidade do Porto, p. 31-34, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34626/esc.vi57.11>.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, n. 9, p. 119-126. 2011. Disponível em <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em 05 mar. 2024.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Poesia sempre foi o antídoto para o veneno da opressão. Entrevista concedida à jornalista Mônica Bergamo. *Folha de São Paulo*. 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/01/poesia-sempre-foi-o-antidoto-para-o-veneno-da-opressao-diz-roberta-estrela-dalva.shtml>. Acesso em 26 outubro 2023.
- DELEUZE, Guilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.
- DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. *KAFKA: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- DUARTE, Mel (org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 49ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREITAS, Daniela Silva de. *Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Estud Lit Bras Contemp [Internet], n. 59, e59152020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40185915>.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1976)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber*, 3ª ed. Ed. Forense Universitária, 2015. p. 223-240.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. *Revista Educação e Realidade*, v. 27, n. 2, p. 169-178. 2002. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em 19 mar. de 2024.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. *36ª Reunião Nacional da ANPEd*. 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. p. 1-12. Disponível em http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomendado_silviogallo.pdf. Acesso em 06 agosto 2023.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GOERGEN, Pedro. Educação e democracia no contexto do capitalismo neoliberal contemporâneo. *Revista Educação*, v. 43, n. 2, p. 1-16, maio-ago. 2020. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/36221>. Acesso em 05 maio 2024.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Competição de poesia falada encanta público no South Summit Brazil*. Disponível em <https://estado.rs.gov.br/leva-slam-ao-south-summit#:~:text=O%20Rio%20Grande%20do%20Sul,coletivos%20que%20praticam%20essa%20modalidade>. Acesso em 27 abril 2024
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. *Erguer a voz. Pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo, Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MORAES, Marcia. Pesquisar COM, Política Ontológica e deficiência visual. In: Moraes, Marcia. Kastrup, Virgínia (org). *O Exercício dever e não ver*. Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 26-51.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana (Org.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PERONI, Vera Maria Vidal. Relação público-privada: o papel da educação na construção de um projeto societário democrático. In: PERONI, Vera Maria Vidal; ROSSI, Alexandre José; LIMA, Paula Valim de. (Org.). *Diálogos sobre a relação entre o público e o privado no Brasil e América Latina*. São Paulo: Livraria Física, 2021. p. 19-35.

PORTO ALEGRE, *LEI MUNICIPAL N° 14.177*, de 11 de dezembro de 2024. Disponível em https://www.camarapoa.rs.gov.br/draco/processos/128712/Lei_14177_-_Promulgada.pdf. Acesso em março 2025.

PORTOCARRERO, Vera. Governo de Si, cuidado de Si. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n.1, p.72-85, 2011. Disponível em <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2011/vol11/no1/6.pdf>. Acesso em 25 abril 2024.

PUCHEU, Alberto. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

PUCHEU, Alberto. *Espantografias: entre poesia, filosofia e política*. Brasília: Casa de Edição, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida cafetinada*. São Paulo: N.1- edições, 2018.

ROLNIK, Suely. *À escuta de futuros em germe*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TEjhX8Aqgn>. Acesso em 25 de janeiro de 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. *A terra quer, a terra dá*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Cíntia Gruppelli da; HENCKE, Jésica; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Heterotopias e práticas de liberdade para pensar a educação. In: HENNING, Paula; SILVA, Gisele (org.). *Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos*. Rio Grande: Ed. FURG, 2021. p. 36-58.

SKLIAR, Carlos. Sentidos del escribir. *Revista Digital de Santa Maria*, v. 9, n. 2, p. 45-60, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/23512>. Acesso em 22 jun. de 2024.

SMITH, Marc. Palavra Falada. *Jogo de Palavras— Como o Slam foi criado e se espalhou pelo mundo*. In: 10ª Festa Literária das Periferias. FLUP. 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=c6UTq09i_k0. Acesso em 23 janeiro de 2025.

Submetido em 07 de março de 2025

Aprovado em 31 de maio de 2025

Informações dos autores

Nome do autor: Karine Ribas Pereira

Afiliação institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: karine.ribaspereira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3162-0229>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6644558505750987>

Nome segundo autor: Karla Conceição da Luz
Afiliação institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: karla.conceicao97@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4036-4965>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9027523811529206>

Nome terceiro autor: Elisandro Rodrigues
Afiliação institucional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: elisandromosaico@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9146-4841>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4466204282399825>